

A CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE LITERÁRIA NA TRADIÇÃO CRONOGRÁFICA CRISTÃ DA ANTIGUIDADE TARDIA

Pedro Benedetti¹

RESUMO: Neste artigo, pretendemos explorar as formas com as quais se constrói a autoridade literária na tradição cronográfica cristã da Antiguidade Tardia. A pergunta que guia nossa investigação é: na qualidade de um gênero historiográfico novo, de que maneira as crônicas cristãs se colocam diante das tradições historiográficas mais antigas? É possível que os autores se utilizem das mesmas estratégias que os historiadores do período clássico, ou há também novas formas? Para isso, revisitaremos brevemente a questão da autoridade nos autores clássicos, traçando a permanência desses princípios em obras historiográficas tardias consideradas herdeiras dessa tradição. Depois analisaremos os prefácios e introduções da crônica de Eusébio e das continuções de Jerônimo e Idácio de Límia em busca de elementos de afirmação da autoridade literária.

PALAVRAS-CHAVE: Cronografia; Antiguidade Tardia; Eusébio; Jerônimo; Idácio

ABSTRACT: In this article we intend to explore the ways in which literary authority is constructed in the Christian chronological tradition of Late Antiquity. The question that guides our investigation is: as a new historiographical genre, how do the Christian chronicles put themselves before the oldest historiographic traditions? Is it possible that the authors use the same strategies as the historians of the classical period, or are there also new forms? For this, we will briefly revisit the question of authority in classical authors, tracing the permanence of these principles in late historiographical works considered as heirs of that tradition. Then we will analyze the prefaces and introductions of the chronicle of Eusebius and the continuations of Jerome and Hydatius of Lemica, searching for elements of affirmation of literary authority.

KEYWORDS: Chronography, Late Antiquity; Eusebius; Jerome; Hydatius

¹ Doutorando no programa de História Social da Universidade de São Paulo, mestre em Antropologia e História da Antiguidade pela Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Membro do grupo de estudos LATIVM-UFU, da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e do Grupo de pesquisa sobre os grupos subalternos e as práticas populares na Antiguidade Greco-Romana. E-mail: benedetti190@hotmail.com.

Considerações iniciais: autoridade literária e escrita histórica entre mythos e logos

As crônicas cristãs da Antiguidade Tardia surgem, se não como um gênero literário absolutamente novo, visto que Eusébio de Cesareia se apoia na tradição cronográfica grega e incorpora a crônica de Sexto Júlio Africano, ao menos como uma reformulação bastante peculiar. Nesse aspecto, elas devem ser lidas e interpretadas na qualidade de uma ordenação teleológica de eventos e, consequentemente, como importante instrumento formador da identidade cristã ao se contrapor às outras visões sobre o passado através de uma *interpretatio christiana* da História a rivalizar com as ideias de passado e presente das tradições greco-romanas e judaicas (Kahlos, 2015). É pertinente, portanto, que o autor de uma crônica cristã que se proponha a “contar” a história do mundo, de modo a tentar provar a antiguidade da tradição cristã (Burgess e Kulikowski, 2013, p. 99-103) e a mostrar como os acontecimentos na História foram guiados pela divina providência, desenvolva um argumento de autoridade para legitimar sua narrativa tal qual o fizeram outrora os autores de histórias gregos e romanos.

Posto que o presente estudo tem por objetivo compreender a maneira com a qual se constroem manifestamente os argumentos de autoridade nas crônicas da Antiguidade Tardia diante da então quase milenar tradição historiográfica clássica, convém que revisitemos pontos importantes sobre os quais muita tinta já correu no meio acadêmico. Mas antes, é importante que deixemos claro que entenderemos por “autoridade” neste artigo não a miríade de significados que o termo venha a ter em outras disciplinas, tais quais poder político, religioso ou social, mas mais especificamente, como explica John Marincola (1997, p. 1), a autoridade literária entendida como “os meios retóricos pelos quais os historiadores antigos reivindicam a competência para narrar e explicar o passado, e simultaneamente constroem uma persona que a audiência acreditará ser persuasiva e crível”.

No mundo clássico, de modo geral, a autoridade de uma narrativa histórica se realizava, em um primeiro momento, por meio do enunciado de autoria da obra. É Hecateu de Mileto que, em suas Genealogias, traz para si a responsabilidade de narrar aquelas coisas “como me parecem verdadeiras (ὡς μοι δοκεῖ

ἀλεθῆα εἶναι. FGrH 1F1)”,² é Heródoto de Halicarnasso (*Histórias*, I, 1, prefácio) quem conduz uma investigação (ιστορία) para que os feitos dos homens não se percam no tempo e é Tucídides de Atenas (*História da Guerra do Peloponeso*, I, 1, 1-2) quem escreve (συγγράφω) a guerra dos peloponésios e atenienses por acreditar ter sido a maior comoção a atingir os helenos e parte dos bárbaros. Ao longo da Antiguidade Tardia, a proposição parece se manter. Apesar de não dispormos do primeiro livro, sabemos que é Amiano Marcelino (*Histórias*, XXXI, 16, 9), na qualidade de grego e soldado, quem assume a tarefa de esclarecer (*explico*) os eventos que se desenrolaram de Nerva a Valente, e é Zózimo quem arroga em sua *Nova História* (I, 57, 1) o propósito de mostrar (ἔρχομαι λέξων) como os romanos, em um curto período, perderam seu império.

Essa enunciação cumpre um propósito bastante claro, que é o de trazer para o plano do julgamento e entendimento dos homens os acontecimentos do passado em contraposição à dimensão mítica que emana da inspiração das musas, que fazem do poeta o instrumento de seu canto.³ A narrativa histórica aparece, nesse sentido, como fruto de uma empreitada da razão humana sobre o emaranhado de acontecimentos do passado, distante ou recente, visando torná-lo inteligível.

Disso decorre o segundo aspecto da construção da autoridade literária do historiador, que é a afirmação de sua obra como uma narrativa que lida com a realidade passível de investigação, em contraste com as histórias consideradas míticas. Com efeito, como ressaltou Robert Fowler (2011), não se trata da relação entre *logos* e *mythos* como uma oposição binária, na qual a primeira eventualmente suplanta a segunda de forma a dar origem ao pensamento racional. Ambas as categorias convivem e se imiscuem, para os historiadores em especial. Neste ínterim, a narrativa mítica não é necessariamente fantasia, confabulação ou mentira, mas eventos que não podem ser conhecidos através do exame da razão e que não podem, portanto, ser objeto de uma investigação. Ainda no prefácio de sua obra, Hecateu considera as muitas histórias contadas pelos helenos como risíveis,

² Todas as traduções do grego e latim no presente estudo refletem um esforço do autor, salvo indicação contrária.

³ “Canta-me, ó musa, do homem de muitas habilidades (ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, Homero, *Odisseia*, I, 1)”.

divertidas (γελοῖοι), sem necessariamente caracterizá-las como mentiras. Também Tucídides (I, 21, 1) não hesita em opor sua narrativa às histórias dos poetas e logógrafos, que ele acredita terem um caráter mítico (μυθώδης) justamente por não poderem ser comprovadas pelos critérios e pela metodologia de análise dos acontecimentos que ele estabelece. Na Antiguidade Tardia, herdeiros dessa tradição historiográfica clássica, como Amiano Marcelino, não se furtam de caracterizar “a antiguidade (grega, em especial)” como fabulosa, nem de associar os poetas com o universo da inventividade narrativa.⁴

Estabelecidas essas coisas, segue-se por fim ao derradeiro aspecto dessa estruturação, que é a exposição dos métodos da pesquisa histórica utilizados na elaboração da narrativa. Em Heródoto isso fica implícito na própria palavra utilizada para descrever o processo de construção da narrativa, o jônico ἱστορίη denota em sua época uma pesquisa *in loco* do que se vê e escuta. Com efeito, o historiador descreve em primeira mão lugares do Mediterrâneo e Mar Negro, viajou por lugares como Egito e Trácia e em diversas ocasiões especifica seus informantes, por vezes até nomeando-os. Heródoto, em várias ocasiões no decorrer de sua obra, nos deixa a par de versões e interpretações diferentes que lhe chegam acerca de um mesmo tema, dando-nos uma ideia do que seria sua investigação (Luce, 1997, p. 13-15). Já Tucídides (I, 22) se coloca de maneira mais explícita em seu famoso parágrafo metodológico, no qual o ateniense estabelece que não registraria nada que porventura conhecesse através de uma informação casual, mas somente as coisas que o próprio presenciara ou que investigara a fundo junto a outros com a maior exatidão (ἀκριβεία) possível, mencionando inclusive as dificuldades encontradas ao lidar com testemunhos conflitantes. Novamente, a historiografia dos séculos seguintes se insere nessa tradição com enunciados metodológicos semelhantes.⁵

Por fim, a verossimilhança se reafirma no decorrer da narrativa, como ocorre também em obras de caráter retórico, através de argumentos *εἰκός* (de verossimilhança), que Manfred Kraus (2006, p. 14-142) considera convincentes pelo “grau de coerência e congruência que a narrativa do orador tem com a experiência ordinária cotidiana da audiência”.

⁴ E.g.: *fabulosa vetustas*, Amm. Marc. XIV, 11, 26; *Graecia fabulosa* Amm. Marc. XVIII, 6, 23; *fabulantes poetae*, Amm. Marc. XXII, 15, 4; *Homerus fabulatur*, Amm. Marc. XXII, 16, 10.

⁵ Como em Amm. Marc. XV, 1, 1.

Todos os pontos acima mencionados visam, de uma maneira ou de outra, conferir autoridade à narrativa historiográfica que floresceu na Antiguidade Clássica e da qual é tributária boa parte daquela que se desenvolve durante a Antiguidade Tardia. Em outras palavras, é através da manifestação autoral, da oposição às histórias de caráter mítico, da exposição dos métodos de investigação e da verossimilhança narrativa que se atribui às histórias um caráter de verdade.

Cabe inquirir, portanto, de que maneira e em que medida a crônica cristã tardoantiga, na qualidade de um gênero literário novo que se opõe tanto à narrativa mítica quanto histórica da antiguidade clássica, desenvolve seus argumentos de autoridade. Os cronistas se apóiam nesses elementos clássicos, os transformam e reutilizam, ou criam novos argumentos autoritativos? Qual a relação que eles desenvolvem com a autoridade expressa pelos autores clássicos? Para isso, analisaremos os prefácios e introduções da crônica de Eusébio de Cesareia e das continuações de Jerônimo e Idácio de Límia.

Esses textos, velhos conhecidos dos historiadores e filólogos da Antiguidade Tardia, já foram sem dúvida escrutinados em seus mínimos detalhes, de problemas encontrados na transmissão manuscrita à dificuldade de estabelecer a cronologia no interior da obra e identificar as fontes utilizadas por cada um. No tocante ao tema desse estudo, vale mencionar o exaustivo trabalho de Alden Mosshammer intitulado *The Chronicle of Eusebius and Greek Chronographic Tradition* (1979), no qual o erudito analisa a relação do bispo com suas fontes. Depois disso, ele se volta para casos específicos de datas atribuídas a personagens gregos de Licurgo a Eurípides, buscando as inconsistências do texto e colocando em questão a utilidade da obra como documento para o estudo do mundo grego arcaico.

Essas mesmas questões e muitas outras são abordadas no célebre artigo de Richard Burgess, “Jerome explained: an Introduction to his Chronicle and a Guide to its use” (2002), no qual o historiador critica veementemente os classicistas que ignoram ou desdenham da tradução e continuação de Jerônimo. O texto se propõe, portanto, a destrinchar os aspectos principais da obra a fim de facilitar sua compreensão e propiciar seu correto uso pelos historiadores e filólogos. Burgess explica a cronologia da obra, rebate os críticos modernos que acusavam Jerônimo de ser desleixado tanto na tradução de Eusébio quanto em sua

continuação, comenta cada uma das edições modernas do texto, identifica as fontes utilizadas e o valor das adições feitas por Jerônimo. Por fim, o livro de Steven Muhlberger, *The Fifth-Century Chroniclers* (1990) e as excelentes introduções de Alain Tranoy (1974) e do próprio Richard Burgess (1993) às suas traduções da obra de Idácio de Límia tratam de todas essas questões que voltam a se colocar na medida em que continuações à crônica de Jerônimo foram escritas.

Ainda que esses trabalhos tratem de assuntos que tangenciem o tema da autoridade em cada um desses autores, faz-se necessário um estudo que desenvolva esse ponto de maneira mais direta no estabelecimento do *Chronicon* como tradição historiográfica. Ou seja, uma análise da construção da autoridade literária no *Chronicon* como um todo, abrangendo, senão toda a tradição que se inicia com Eusébio e se estende até João de Bicláro em 590, ao menos a célebre tradução e continuação de Jerônimo⁶ e de Idácio de Límia, os quais escreveram copiosos prefácios e introduções às suas partes repletos de elementos que nos interessam para este estudo.

O Chronicon de Eusébio de Cesareia, pedra fundadora de uma nova tradição

Eusébio de Cesareia, bispo dessa mesma cidade, teria nascido por volta de 260 ou 265 e morrido em torno de 340⁷. Famoso por sua biografia de Constantino, e especialmente por sua *História Eclesiástica*, a primeira do tipo que sobreviveu e lhe valeu o título de "pai da história eclesiástica", o clérigo teria composto seu *Chronicon* paralelamente a ela durante os anos 290, de modo que as primeiras versões das duas obras teriam circulado pouco depois do ano 300 (Burgess, 1997). Em sua versão final, no entanto, a crônica universal compreendia os

⁶ Foi somente a partir do esforço de Jerônimo que o *Chronicon* se tornou conhecido e amplamente lido no ocidente latino, ao passo que o original grego caiu no ostracismo na parte helenófona do império. A segunda geração, por assim dizer, de cronistas latinos é composta por Idácio de Límia, o cronista anônimo de 452 e Próspero da Aquitânia, cuja obra inspirou no século seguinte a terceira geração, composta por Cassiodoro, Victor de Tununa, Mário e João de Bicláro. A crônica de Marcelino *comes* aparece isolada como a única continuação de Jerônimo composta no Oriente (Burgess e Kulikowski, 2013, p. 187).

⁷ Segundo Sócrates de Constantinopla e Sozomeno, Eusébio teria morrido pouco antes de Constantino II e depois da segunda excomunhão de Atanásio.

eventos históricos considerados marcantes pelo bispo de Cesareia desde o nascimento de Abraão, primeiro acontecimento que ele considerava poder datar com certa precisão, até as vicenárias do imperador Constantino.

OLÍMPIAS	ANOS DESDE O NASCIMENTO DE ABRAÃO	REIS PERSAS	CÔNSULES ROMANOS	REIS MACEDÔNIOS E EGÍPCIOS
xcvii	xxviii			
xcviii	xxviiii	E uagoras infurorē uersurcū	v	i
xcviiii	xxviiii	regnaret cypri	vi	ii
xcviiii	xxviiii		vii	iii
xcviiii	xxviiii		viii	iiii
xcviiii	xxviiii	xxxviii dīnastīa aēgypti		
xcviiii	xxviiii	se beñhūtis regnantibus	iiii	v
xcviiii	xxviiii		v	vi

Fig. 1: fólio 102r do Codex Oxon. Merton 315, século IX

É possível notar até cinco sistemas cronológicos em sincronia: as olimpíadas, o ano desde o nascimento de Abraão, dos reis persas, cônsules romanos, reis macedônios e egípcios.

A obra foi concebida, originalmente, em dois livros. O primeiro recebeu o nome de *Χρονογραφία* (cronografia) e consiste em um sumário de história universal por reinados e nações a partir de determinadas fontes. Esse é, em essência, o formato clássico da tradição cronográfica grega, uma lista de reis e quanto tempo reinaram, com eventuais notas acerca de eventos importantes em anos específicos de reinado. O bispo de Cesareia, no entanto, queria ainda ligar os eventos ocorridos em determinado reino com outros, conjugando assim informações coletadas em fontes de diferentes tradições. Para tal, Eusébio concebeu o segundo livro da obra, chamado especificamente de *Χρονικοί Κανόνες* (cânones cronológicos), na forma de tabelas cronológicas nas quais ele estabelece uma sincronia entre os diversos sistemas cronológicos antigos (fig. 1), de modo que cada linha corresponda a um ano. Por isso, o livro se apresenta em um formato revolucionário e Eusébio faz uso do então recente códice ao invés do tradicional rolo.

Infelizmente, nenhuma parte significativa da obra sobreviveu no original grego. Há uma tradução armênia de ambos os livros que sobreviveu em dois ma-

nuscritos, apesar do final do primeiro livro e do início do segundo estarem perdidos em ambos. A melhor versão do segundo livro, no entanto, é a tradução para o latim feita por Jerônimo, que depois continuou-a até o ano da batalha de Adrianópolis (378). Há, dessa maneira, dois prefácios escritos por Eusébio de Cesareia para cada um dos livros que compõem seu *Chronicon*, cada qual com seu propósito específico: o do primeiro livro apenas em sua versão armênia e o do segundo livro somente em sua tradução latina.

O prefácio do primeiro livro se inicia com a alegação em primeira pessoa de que Eusébio, para construir seu compêndio, utilizou-se de numerosas histórias do passado escritas pelos caldeus e assírios, detalhadas pelos egípcios e “narradas pelos gregos com a maior precisão possível (Eusébio, *Chronographia*, 1)”.⁸ Para o bispo, no entanto, a autoridade desses escritos não é admitida a priori, nem por serem muito antigos, nem por terem sido escritos por autores confiáveis, mas somente quando se coloca adjacente a essas narrativas as histórias dos patriarcas hebreus “tal qual a Bíblia nos revelou (Eus. *Chron.* 1)”. Essa operação literária, também autoritativa por se tratar de um método investigativo, serve a um propósito primordial na concepção histórica de Eusébio:

[...] estabelecer quanto tempo antes da revelação [de Cristo] Moisés e os profetas hebreus que o antecederam viveram e o que eles, imbuídos do espírito divino, disseram antes [de Cristo]. Dessa maneira, pode ser possível reconhecer com facilidade quando os bravos de cada nação apareceram [em comparação a] quando os célebres profetas hebreus viveram e quem eram seus líderes um por um (Eus. *Chron.* 1).

Portanto, a veracidade de todas as histórias do passado deve, no pensamento histórico do bispo de Cesareia, ser verificada no confronto com o livro que é a fonte de toda a verdade: a Bíblia. Com isso seu objetivo se torna claro: provar a antiguidade da tradição cristã frente aos detratores da cristandade, em um esforço deliberado de “ultrapassar o passado” de seus rivais. Pois é ao invocar origens mais antigas que implicitamente se afirma a importância de determinado grupo perante uma sociedade que valoriza mais aquilo que é mais antigo (Zerubavel, 2003, p. 105-106) e deprecia o que pode ser considerado “recente demais”.

⁸ A tradução do livro primeiro utilizada neste estudo foi feita a partir do original em armênio antigo por Robert Bedrosian em 2008 e se encontra online em: <http://www.tertullian.org/fathers/eusebius_chronicon_02_text.htm>. Acesso em: 02 fev. 2018.

Depois de enunciar a questão central de sua obra e a forma como vai explorá-la, Eusébio insere como parte da construção de sua autoridade literária o reconhecimento da dificuldade da investigação acerca dos acontecimentos de eras remotas, tal qual os historiadores lembrados na primeira parte desse estudo, porém de maneira diferente. A tarefa de estabelecer uma cronologia absolutamente precisa, que o bispo considera ser uma “empreitada tola”, não deve seu embaraço à impossibilidade de investigar os eventos mais recuados pelos meios da razão, mas à vontade divina expressa pela boca do próprio Cristo, que, em Atos 1:7⁹, ao ser questionado pelos apóstolos se depois de sua ressurreição chegara o tempo da restauração de Israel, responde: “Não compete a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade”. Essa parece ser a lente pela qual Eusébio de Cesareia observa as histórias escritas antes de sua época, pois na interpretação do bispo, manifesta logo depois da citação bíblica, parece que Jesus “proferiu tal sucinto veredito não apenas acerca do derradeiro dia, mas sobre todas as eras (Eus. *Chron.* 1)”.

Ora, Eusébio conclui a partir disso que todas as alegações de conhecimento preciso do passado pelos gregos, bárbaros ou mesmo os hebreus são falaciosas, e essa asserção constitui outro elemento de afirmação de autoridade comum aos historiadores clássicos: a crítica àqueles que o precederam como escritores de coisas não verdadeiras e, portanto, míticas. Vale ressaltar que, nesse ponto, o mítico deixa de ser, como o era na época dos historiadores gregos clássicos, uma narrativa impossível de ser verificada pelos meios da razão, e passa a ser vista pela cristandade como invenção e mentira, posto que no pensamento cristão há uma verdade revelada, um só deus e um só mediador (Cristo), como vemos em 1 Timóteo 2:5. Talvez a passagem que melhor explique essa mudança de atitude diante das narrativas míticas seja Isaías 43:10, 11: “Antes de mim não foi formado nenhum Deus e depois de mim continuou a não haver nenhum”. De todo esse raciocínio, o bispo espera que seus leitores tirem duas lições básicas antes da leitura da obra propriamente dita:

⁹ Todas as passagens bíblicas mencionadas neste artigo foram retiradas da Bíblia de Jerusalém, da editora Paulus.

Primeiramente, não seja levado a acreditar, como outros, que a cronologia pode [sempre] ser determinada precisamente. Em segundo lugar, apesar disso, utilize a clareza na medida do possível para reconhecer a natureza da investigação que te confronta, e proceda resoluto (Eus. *Chron.* 1).

Eusébio ilustra sua premissa central com uma passagem de Platão, *Tímeu*, 22b, na qual um egípcio, de maneira um tanto sarcástica, diz a Sólon que é impossível conhecer a história antiga através dos gregos, uma vez que eles são demasiadamente jovens¹⁰. A própria citação, vale notar, é também um recurso de legitimação perante um público que deposita grande valor no conhecimento dos cânones da tradição grega. O próprio bispo responde a essa invectiva desacreditando as histórias de outros povos como narrativas míticas e, portanto, não críveis. Ele afirma que tampouco é possível conhecer a antiguidade pelos relatos egípcios, pois se tratam de relatos fabulosos sobre “[falsos] deuses e seus primogênitos, fantasmas e espíritos dos mortos, e histórias sobre reis contadas de maneira mítica, desvairados alucinantes (Eus. *Chron.* 1).” Nem os Caldeus escapam às críticas do bispo de Cesareia, que acredita ser absurda a alegação de que seus escritos abarcam mais de 400 mil anos.

Diante disso, Eusébio se coloca uma pergunta retórica:

Por quê deveria eu, que reverencio a verdade acima de tudo, me debruçar sobre todo esse tipo de material em tantos detalhes? [E porquê deveria eu], que amo os hebreus, apontar nas passagens apropriadas onde encontrei inconsistências [em seus relatos]? [Fi-lo] para recriminar a pretensão dos imodestos cronógrafos (Eus. *Chron.* 2).

Em sua introdução, Robert Bedrosian tece um pertinente comentário acerca do final do prefácio:

Assim, o texto do primeiro livro estabeleceu cuidadosamente a moldura cronológica a partir da qual derivam as tabelas do segundo livro. Para os historiadores modernos, tabelas cronológicas sintéticas são algo corriqueiro, mas foi Eusébio quem inicialmente e de modo preciso as introduziu em sua Crônica. Esse foi um progresso revolucionário na

¹⁰ No sentido de terem começado a registrar sua História muito recentemente. Eusébio explica anteriormente que foi apenas depois que Cadmo trouxe o alfabeto fenício para a Grécia que os gregos começaram a escrever.

época de Eusébio, que não é suficientemente apreciado nos trabalhos modernos de historiografia.¹¹

Diante disso, cabe-nos ainda acrescentar que todo o primeiro livro é também uma exposição dos métodos analíticos de Eusébio de Cesareia perante os relatos do passado. Ou seja, como o bispo, examinando as narrativas antigas, determina o que pode e o que não pode ser aproveitado, o que é ou não crível, tendo em vista todos os preceitos expostos em seu prefácio.

O primeiro relato antigo colocado sob o olhar analítico do bispo é a crônica dos reis caldeus feita por Beroso, um sacerdote caldeu helenizado da Babilônia que viveu no século III a.C. e escreveu seu relato em grego. Apesar de sua obra ter se perdido, Eusébio utiliza os trechos sobreviventes copiados por Alexandre Polímata, um erudito grego escravizado durante as guerras mitridáticas do século I a.C. Depois de expor a lista, o bispo contabiliza dez reis, que reinaram por cento e vinte *sars*, ou o equivalente a 432 mil anos,¹² o que lhe parece absurdo, inverossímil, e força-o a advertir que “se alguém julga como preciso e aceita como válido que [reinos duresm] tantos anos, então teria de acreditar noutras matérias fantásticas presentes nesse mesmo livro (Eus. *Chron.* 3)”.¹³

Apesar de todas as duras considerações de Eusébio sobre as histórias relatadas por Beroso, que desacreditam seu relato e reforçam a autoridade daquele dentro do *Chronicon*, o bispo reconhece o elemento verdadeiro de sua narrativa ao compará-lo com o conteúdo da Bíblia. Segundo o relato dos caldeus, houve nove gerações antes do dilúvio que cobriu a terra durante o reinado de Xisutro, e a tradição bíblica menciona nove patriarcas anteriores a Noé (Genesis 5:1-31). Ele afirma: “para aqueles de vós que procurais a verdade sobre essas coisas, é simples aceitar que Xisutro é o mesmo que o homem ao qual os hebreus chamam Noé,

¹¹ Disponível em <http://www.tertullian.org/fathers/eusebius_chronicon_02_intro.htm>. Acesso em: 02 fev. 2018.

¹² 1 *sar* era a unidade de tempo assíria equivalente a 3600 anos.

¹³ O bispo é ainda mais enfático depois de descrever as histórias lendárias dos caldeus, sobre divindades como Oanes, em *Chron.* I, 6: “Certamente, se alguém julga ser verdadeiro [que o relato] dos caldeus [englobe] tão grande número de anos, tal pessoa aceitará outras partes de sua história falaciosa. Ela simplesmente desafia a razão e é apócrifa, não importa como seja interpretada. [Mesmo] que alguém aceite [o relato], não deveria aceitar que cálculo do tempo sem exame. Se, de acordo com a cronologia deles, houve [realmente] tantos milhares de anos acumulados, se os sucessores desses povos [realizaram] seus atos e feitos durante um período igualmente longo, e se apenas dez reis poderiam ter reinado por tantos anos, quem acreditaria que haveria qualquer verdade em tais coisas e fábulas?”

durante cuja vida ocorreu o dilúvio (Eus. *Chron.* 6)”. De maneira semelhante, quando Eusébio invoca a história narrada por Alexandre sobre uma torre imensa construída na Babilônia, ele não tarda a lhe conferir veracidade ao compará-la com o conto bíblico da torre de Babel (Eus. *Chron.* 7-8). O bispo de Cesareia continua esse procedimento ao longo de todo o livro, ao analisar as histórias de Abideno, Flávio Josefo, Diodoro da Sicília, Castor, Maneto, Heródoto, entre outros e confrontá-las entre si e com a tradição bíblica.

O prefácio de seu segundo livro, os *Chronici Canones* preservados pela tradução latina de Jerônimo, começa com uma dura resposta a Porfírio. O filósofo neoplatônico, discípulo de Plotino, foi o mais conhecido adversário da cristandade e defensor da religião tradicional de sua época. Durante sua vida, Porfírio se envolveu em uma série de controvérsias e suas obras foram respondidas por mais de trinta apologetas cristãos, dentre eles Agostinho, Jerônimo, Metódio e o próprio Eusébio. Suas obras, no entanto, foram banidas em 311 e queimadas em 448 (Hoffman, 1994, p. 17), de modo que tudo o que conhecemos de seus argumentos advém das respostas que lhe foram dadas pelos apologetas. Um desses argumentos contra a tradição cristã pode ser encontrado nesse prefácio. Baseando-se nos escritos de outros cristãos e hebreus, Eusébio estabelece que Moisés viveu na mesma época de Ínaco, primeiro rei de Argos, mas que

aquele ímpio Porfírio (*impius ille Porphyrius*), no quarto livro de sua obra, que ele teceu contra nós¹⁴ em vão esforço, afirma que Semiramis, tendo reinado dentre os assírios por 150 anos antes de Ínaco, viveu depois de Moisés. E por isso, segundo ele, descobre-se que Moisés antecede a guerra de Troia em 850 anos (Jerônimo, *Chronicon*, prefácio traduzido de Eusébio).

Sendo assim, o segundo livro surge como uma resposta àqueles que desafiam a autoridade não apenas de Eusébio, mas daqueles que tiveram a veracidade narrativa demonstrada no primeiro livro através de seu método histórico. Diante disso, o clérigo considera ser necessária uma busca ainda mais cautelosa da verdade, e por isso reafirma sua autoridade, colocando sua cronologia à prova “para quem quer que deseje, calcule (*utcumque quis volet, computet*, Jer. *Chron.*

¹⁴ Subentende-se pelo *adversum nos* que Eusébio se refere ao quarto dos quinze livros contra os cristãos (*Κατὰ Χριστιανῶν; Adversus Christianos*).

pref. Eus.)”. Surge daí, e como resposta a essa polêmica, o formato inovador de sua obra. Eusébio estabelece sete eixos a partir dos quais ele compõe sua tabela cronológica. Trata-se de sete acontecimentos célebres e bem estabelecidos, extraídos de toda a massa documental apresentada e analisada no primeiro livro, e que são utilizados para trabalhar a cronologia de eventos anteriores ou posteriores a eles (Burgess, 2002, p. 20). São eles: o nascimento de Abraão, a ascensão do primeiro rei ateniense Cecrops, a captura de Troia, o início da construção do templo de Jerusalém por Salomão, a primeira olimpíada, a reconstrução do templo de Jerusalém e, por fim, o início da pregação de Cristo (Jerônimo, *Chronicon*, 1; 460; 835; 984; 1241; 1996; 2044 anno Abrahami)¹⁵. Com isso, como foi bem observado por Grafton e Williams (2006, p. 135), “Eusébio fez mais do que levar a cabo um feito de racionalização e síntese. Ele também criou uma nova forma de objeto físico e delineou novas convenções para organizar informações com fins de conservação e recuperação”.

Jerônimo e sua contribuição

A tradução do *Chronicon* de Eusébio de Cesareia deve ser compreendida no espectro mais amplo da empreitada levada a cabo por Jerônimo quando de sua estadia em Constantinopla, em 379-381, para continuar sob a tutela de Gregório de Nazianzo seus estudos exegéticos iniciados em Antioquia. Conhecedor da língua grega, Jerônimo entrou em contato com uma literatura que até então tinha sido pouquíssimo utilizada pelos escritores cristãos latinos. Ele então aproveitou sua estadia para vertê-la ao latim a fim de disponibilizar integralmente os originais e facilitar-lhes o acesso (Cavallera, 1922, p. 59-63).

Diante disso, a questão da autoridade literária dentro do *Chronicon* ganha uma nova dimensão com a contribuição de Jerônimo, pois além dos elementos tradicionais de autoridade necessários a uma obra de caráter histórico, há também os que se colocam para as traduções. Desse modo, Jerônimo passa grande parte de seu prefácio expondo uma discussão bastante eloquente sobre o ofício do tradutor, a importância da eloquência e questões relativas ao estilo lite-

¹⁵ Como o único sistema cronológico que atravessa toda a crônica são os anos desde o nascimento de Abraão, parece-nos que essa foi a melhor escolha para localizar as passagens dentro da obra.

rário, mesmo que as tabelas cronológicas não tenham demandado exímias habilidades literárias daqueles que as compuseram. Já no início, ele invoca Cícero como grande expoente da arte do tradutor:

Houve um antigo costume dos doutos de verterem para a língua latina os livros gregos como meio de exercitarem a inteligência. [...] Daí também nosso Túlio [Cícero] traduziu todos os livros de Platão ao pé da letra e, como tivesse publicado Arato já romanizado em versos hexâmetros, divertiu-se com as *Econômicas* de Xenofonte (Jerônimo, *Chronicon*, prefácio, 1¹⁶).

Ao eleger Cícero como modelo, Jerônimo reivindica para si um lugar igualmente importante na cristandade. Da mesma maneira que aquele traduziu textos canônicos da filosofia grega, prestando um serviço aos seus conterrâneos “rudes nas letras gregas” (Cícero, *De officiis*, 1, 1), ele se propõe a traduzir obras essenciais para o desenvolvimento do pensamento cristão no ocidente latino. Colocar-se como um “Cícero cristão” implica, portanto, em elevar sua empreitada a um nível superior de seriedade e ambição para além do mero exercício escolar de tradução. E se até mesmo o famoso orador, ao traduzir Xenofonte, teve seu “áureo rio de eloquência muitas vezes impedido por ásperos e turbulentos obstáculos (Jer. *Chron.* pref. 1)”, o monge pede que seus amigos Vicêncio e Galieno¹⁷ revisem seu trabalho “não com espírito de juizes, mas de amigos (Jer. *Chron.* pref. 2)”, “uma vez que homens muitos eruditos penaram nessa mesma tarefa (Jer. *Chron.* pref. 3)”.

Se por um lado essa é a preocupação que entremeia todo o prefácio de Jerônimo, por outro a segunda seção traz observações importantes acerca da forma das traduções da *Septuaginta*, material fundamental da crônica de Eusébio. Para Jerônimo, apesar das anônimas quinta, sexta e sétima versões¹⁸ “terem tamanha diversidade (*diversitas*) em si que mereceram autoridade sem os nomes

¹⁶ O texto latino tanto do prefácio de Jerônimo quanto do prefácio traduzido de Eusébio podem ser encontrados em <http://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_04_latin_prefaces.htm>. Acesso em: 21 fev. 2018. Infelizmente o site não conta com a divisão do texto, por isso seguimos a numeração das seções da tradução de *Nicene and Post-Nicene Fathers: Second Series*, vol VI.

¹⁷ A quem Jerônimo dedica a obra (*Eusebius Hieronymus Vincentio et Gallieno suis salutem*, Jer. *Chron.* pref. 1).

¹⁸ Jerônimo se refere à Hécapla de Orígenes, que consistia em seis versões dos textos bíblicos dispostos em seis colunas diferentes para fins de comparação.

[de seus tradutores] (*ut auctoritatem sine nominibus meruerint*, Jer. *Chron.* pref. 2)”, a tradução do hebraico para o grego fez com que as escrituras “parecessem menos elegantes e soassem mais ríspidas (*minus comptae et dure sonantes videantur*, Jer. *Chron.* pref. 2)”. Tal efeito, ele argumenta, pode afastar o erudito que não sabe que se trata de uma tradução do hebraico, afastando-o do conhecimento que as escrituras propiciam, mas a qualidade das escrituras originais são comparáveis aos poemas de Horácio e Píndaro. Essa operação retórica tem um propósito claro: atribuir à Bíblia hebraica o estatuto de clássico e constituí-la como objeto legítimo de investigação. Logo, há uma persistência acerca da questão da autoafirmação literária que subjaz à discussão sobre a arte da tradução exposta em seu prefácio e se insere em um universo cultural definido por cânones que competem entre si. E para Jerônimo, um erudito versado em muitas línguas e conhecedor dos clássicos, o estilo é um elemento central de valor literário (Williams, 2006, p. 47).

Já nos últimos parágrafos a exposição muda de tom e se volta para questões de outra natureza, pois da mesma forma que, nos *Chronici Canones*, Eusébio responde à crítica feita por Porfírio à sua *Cronografia*, Jerônimo antecipa as reprimendas à sua obra:

Sequer ignoro que haverão muitos que, somente pelo prazer de rebaixar a todos, cravarão os dentes nesse volume, algo que só pode ser evitado se não escrevermos absolutamente nada. Mentirão sobre as épocas, trocarão a ordem [dos acontecimentos], censurarão eventos, pularão sílabas e, porque é costumeiro que isso aconteça na maioria das vezes, atribuirão o descuido dos copistas aos autores (Jer. *Chron.* pref. 3).

O uso do plural “autores” se justifica porque, ao final de seu prefácio, Jerônimo se coloca explicitamente não apenas como tradutor, mas também como autor dentro da obra. Fica evidente, com isso, que Jerônimo jamais concebeu o *Chronicon* como dois trabalhos diferentes, uma tradução e sua continuação, de tal modo que cada parte deveria ser avaliada individualmente quanto a sua autoridade. Pelo contrário, ele afirma:

prefiro despachá-los [os possíveis críticos] rapidamente satisfeitos, tanto para que cedam a autoridade dos assuntos gregos ao seu autor (*Graecorum fidem suo auctori as-*

signent) quanto para que reconheçam que os eventos novos que inserimos foram extraídos de outros homens muito reconhecidos (*de aliis probatissimis viris libata*) (Jer. *Chron.* pref. 3).

O *Chronicon* se apresenta, portanto, como um todo indivisível no qual as contribuições de seus autores se fazem presentes de maneira intrincada. Essa característica da obra se revela mais adiante, quando Jerônimo distingue seu processo de composição em três etapas: a parte de Abraão até a tomada de Troia, que se trata de uma simples tradução do grego; a parte até as vicensas de Constantino, na qual muitas coisas foram adicionadas ou modificadas; e a parte final até a batalha de Adrianópolis. Assim, o texto latino se desenrola de tal modo que, se não dispuséssemos dos manuscritos armênios, traduzidos diretamente do original grego, jamais poderíamos discernir quais foram as modificações de autoria de Jerônimo na segunda parte.¹⁹ O que nos mostra que atribuir precisamente cada linha do texto a seu autor parece ser mais uma preocupação moderna (Barthes, 1997, p. 142-143) do que do próprio Jerônimo. Se a tendência na antiguidade foi de um movimento do caráter colaborativo das elegias e epopeias em direção ao aspecto mais pessoal da produção literária (Selle, 2008), a empreitada de Jerônimo traz a inovação de uma obra que deve ser compreendida ao mesmo tempo como esforço coletivo e autoral, constituindo-se, assim, como uma espécie de “patrimônio público” da cristandade.

Logo, se considerarmos o *Chronicon* como um todo coeso, tal qual Jerônimo o concebeu, há três níveis de construção de autoridade no texto, que acompanham as três etapas de composição e são igualmente indissociáveis. Primeiramente está a preocupação com a tradução fiel do texto de Eusébio, cuja autoridade se ancora na caracterização do bispo como “um homem muito erudito (*erudit[issim]us*, Jer. *Chron.* praef. 3)”; em segundo lugar, a qualidade das modificações e adições, que Jerônimo extraiu “muito cuidadosamente de Tranquilo [Suetônio] e outros ilustres historiadores (Jer. *Chron.* pref. 3)”; e por último, os eventos que são descritos pelo próprio Jerônimo no texto que ele chama “todo meu (*totum meum*, Jer. *Chron.* pref. 3)”, arrolando para si a responsabilidade da fidedignidade dos fatos expostos.

¹⁹ Essas modificações e adições são destacadas na edição de Rudolf Helm (1956) por um asterisco entre parênteses e um asterisco, respectivamente. Embora Burgess (2002, p. 24) acuse alguns erros.

Idácio de Chaves e a segunda geração

Até este ponto [a morte de Valente] conserva-se em várias províncias da Espanha a história composta (*conscripta*) por São Jerônimo [...] Eu, um ignorante e o mais indigno de todos os servos de Deus, Idácio, servo de nosso Deus e senhor Jesus Cristo, apreendi e descrevi (*comperi et discripsi*) aqueles eventos que se seguiram ao primeiro ano do imperador Teodósio, brevemente antecédida da informação de um prefácio (Idácio, *Chronicon*, preâmbulo).

A julgar pela afirmação de Idácio, a tradução e a continuação de Jerônimo conheceram um grande sucesso no Ocidente, o que indica que o objetivo de sua empreitada havia sido alcançado. Ele prestou um precioso serviço aos cristãos de língua latina, que até então não possuíam nada que os permitisse se orientar no curso da História Universal, nada que pudesse ser usado para comparar as narrativas bíblicas com as dos historiadores pagãos. A crônica deixava às mãos de todos que pudessem ler o latim uma infinidade de noções outrora dispersas por diversos livros (Cavallera, 1922, p. 67) e ao mesmo tempo abria-se para os continuadores que quisessem seguir o exemplo de Eusébio e Jerônimo. O uso do participio de *conscribo* (escrever juntamente) para caracterizar o *Chronicon* deixa claro que Idácio havia compreendido a natureza colaborativa da obra e se propôs, depois de sua humilde apresentação, a continuá-la até os seus dias, no ano de 468. Com efeito, no único manuscrito completo que temos da obra de Idácio, o qual descende de uma cópia pessoal do bispo (Burgess, 1993, p. 6), o preâmbulo que abre essa seção aparece no próprio corpo dos *Chronicis Canonis*, depois do último registro de Jerônimo e antes da *supputatio*.²⁰ O prefácio de Idácio e sua continuação vêm logo depois disso, o que indica que a intenção do bispo era que a obra fosse lida como um todo.

O bispo de Chaves, no entanto, não foi o único nem havia sido o primeiro a incumbir-se da tarefa. Próspero da Aquitânia resumiu e continuou a obra de Jerônimo, publicando versões diferentes de 433 até 455 (Muhlberger, 1986). Um cronista anônimo o fez igualmente em 452. Para ambos, a notoriedade alcançada pela obra de Eusébio e Jerônimo parece ter sido suficiente para que a autoridade

²⁰ Isto é, a contagem final dos anos na crônica, desde o nascimento de Abraão, dividido em nove partes.

do *Chronicon* se estendesse até suas continuações. O cronista de 452 sequer escreve um preâmbulo como o de Idácio, o texto apenas se inicia abruptamente após o último registro de Jerônimo, já com a aclamação imperial de Teodósio, e o autor se contenta em manter o *layout* e as grandes estruturas cronológicas do *Chronicon*²¹. Próspero, por sua vez, se limita a declarar, logo depois de seu resumo: “Até esse ponto o presbítero Jerônimo dispôs a ordem dos anos precedentes. Nós cuidamos de adicionar aqueles que se seguiram (Póspero de Aquitânia, *Epitoma Chronicon*, 1166)”.

Idácio, por outro lado, constrói uma contribuição bastante peculiar. Em primeiro lugar, a brevidade característica do gênero cronográfico não encontra lugar em sua composição, que é de longe a mais detalhada da Antiguidade Tardia (Burgess, 1993, p. 8-9). Em segundo lugar, Idácio expande a cronologia do *Chronicon* adicionando as eras espanholas²² e um sistema criado por ele mesmo, os jubileus desde a ascensão de Cristo. Diante dessa novidade, o bispo de Chaves elabora um novo prefácio que precede sua contribuição e visa, dentre outras coisas, reafirmar a autoridade da obra e conferir legitimidade à sua parte. Como não poderia deixar de ser, o texto se abre com uma homenagem aos seus predecessores:

Os estudos dos homens mais estimados (*probatissimorum*) em todos os quesitos – homens que a confirmação da reverência divina, principalmente na fé católica e no modo de vida perfeito, mostra serem testemunhas da verdade – são tão ornados pela elegância das palavras e tão recomendáveis pela glória de seus méritos, que a verdade ganha em toda sua obra insuspeita autoridade (*ut meram in omni opere suo obtineat ueritas firmitatem*, Idácio, *Chronicon*, pref., 1).

Eusébio e Jerônimo, “pais santos e muito eruditos (Ida. *Chron.* pref. 1)”, são colocados não apenas como modelo de vida religiosa, mas como inspiração literária. Jerônimo em especial é caracterizado como um “historiador completamente instruído em todos os documentos de feitos e palavras (*singrafus perfectus uniuersis factorum dictorumque monimentis*, Ida. *Chron.* pref. 3)”. Idácio,

²¹ Em todos os manuscritos da *Chronica Gallica* de 452 o texto se segue à crônica de Jerônimo e mantém a datação do ano desde Abraão, os anos de reinado e as Olimpíadas (Burgess, 2001, 52).

²² Um sistema de datação popular na Galícia da época, que se manteve em uso até os séculos XIV e XV. Seu primeiro ano equivalia ao 38 a.C.

sabendo da importância desses escritores, é incessante ao lembrar os leitores de sua humildade²³, como em seu preâmbulo, nas vezes em que se diz indigno de ocupar a sede episcopal (Ida. *Chron.* pr. 1; 6) e ao confessar ser “pouquíssimo instruído no estudo secular (Ida. *Chron.* pr. 1)”. Colocando-se como continuador de tão ilustres figuras, o bispo de Chaves declara “seguir o exemplo a partir do que eles mostraram em sua obra precedente, de acordo com [sua] capacidade de discernimento próprio e expressão literária (Ida. *Chron.* pr. 1)”.

Dessa maneira, Idácio faz eco tanto às recomendações de Eusébio no primeiro livro quanto às de Jerônimo com relação ao estilo expressas em seu prefácio. E antes do último parágrafo, no qual ele enuncia o escopo de sua obra, o bispo reafirma o compromisso com seus predecessores e os princípios que eles estabeleceram para a composição da obra, expondo também brevemente seus métodos e fechando os elementos que conferem autoridade à sua contribuição ao *Chronicon*:

[as páginas da crônica] instigaram a mente de um inexperiente a seguir seus caminhos sobre as coisas que conhece, ainda que com passos desiguais em todos os sentidos, e a se prostrar aos pés de seus predecessores. Encarregando-me disso com a intenção sincera do coração, adicionei os eventos que se seguiram, parcialmente a partir do estudo dos documentos escritos, ora a partir do relato confiável de muitas pessoas e em parte conforme meu conhecimento, que sofre com a lamentável idade de minha própria vida (Jer. *Chron.* pref. 6).

Conclusão

O surgimento de obras cristãs em diversos gêneros literários trouxe para os autores desafios semelhantes que foram enfrentados também pelos escritores clássicos em certa medida. Questionamos no início desse breve estudo se os autores de crônicas cristãs, na qualidade de novo tipo de escrita sobre o passado, lidaram com a questão da autoridade da mesma forma que os historiadores clássicos. Em outras palavras, buscamos investigar se (e em que medida) a manifes-

²³ A “autodiminuição” diante de seus predecessores é também um recurso de autoridade que permeia todo o prefácio de Idácio e que pode ser encontrado em historiadores clássicos, ainda que raramente (Marincola, 1997, p. 141).

tação autoral, a rejeição das narrativas míticas, a exposição dos métodos de pesquisa e a verossimilhança consistem em sua obra fundamentos dos quais emana a autoridade literária de suas narrativas, tal qual o continuaram sendo para aqueles escritores da Antiguidade Tardia que se pretenderam herdeiros de uma tradição clássica de escrita da história.

Pudemos verificar que Eusébio, como fundador de uma tradição, em grande medida se apoia nesses preceitos ainda que de maneira muito distinta. Principalmente porque a questão da autoridade não se coloca diante de uma audiência que espera uma performance da palavra escrita, mas sim em razão da necessidade de fazer frente aos detratores da cristandade. Ou seja, ela floresce em um esforço de afirmar a *interpretatio christiana* em oposição às outras e confirmar a antiguidade da tradição cristã perante tradições consideradas antiquíssimas.²⁴ Tendo isso em vista, todos esses elementos reaparecem com uma nova roupagem, como a exposição dos métodos de estabelecimento dos eventos históricos, mas por meio de um confronto dos documentos com o texto bíblico. Além disso, outros elementos de autoridade ainda mais inovadores se fazem presentes, como o próprio formato no qual são escritos os *Chronici Canones*.

Jerônimo preserva todos esses componentes em sua tradução e adiciona ainda sua própria “camada de autoridade” conformemente às suas preocupações no tocante à leitura de sua contribuição. Se a parte escrita por Eusébio acabou por ganhar autoridade por si só, basta que Jerônimo assegure a qualidade de sua tradução. Às suas intervenções e sua continuação, lhe conviu mencionar que as informações foram retiradas de “historiadores ilustres” e de sua própria experiência, dando à obra um verdadeiro caráter colaborativo.

Ambos, porém, jamais conceberam o *Chronicon* como uma história propriamente dita, seja o primeiro livro de Eusébio (Cronografia), sejam as tabelas cronológicas. E de fato, pelos padrões antigos sintetizados por Luciano de Samósata em seu célebre *Da maneira de se escrever História*, “uma compilação de datas e acontecimentos sem a organização de uma narrativa [...] não configurava um texto histórico (Almeida e Della Torre, 2015, p. 11)”. Ambos os livros foram

²⁴ Daí a importância de Eusébio afirmar que Moisés “apesar de mais jovem do que o dito acima, ainda descobre-se ser mais velho do que todos aqueles que os gregos julgam ser os mais antigos (*licet junior supra dictis sit, omnibus tamen, quos Graeci antiquissimos putant, senior deprehenditur*, Jer. *Chron.* pref. Eus).”

idealizados como instrumentos a partir dos quais seria possível compor narrativas históricas completas, fontes de informação histórica crua, se assim podemos dizer. O próprio Eusébio em sua *História Eclesiástica* (I, 1, 6) afirma que os *Cânones Cronológicos* são apenas um sumário, e que nessa obra ele se propôs a “escrever a narrativa por completo”. Jerônimo, por sua vez, prefere deixar a narrativa da época de Graciano e Teodósio “para a pena de uma história mais ampla (Jer. *Chron.* pref. 3)”.

No entanto, o sucesso de suas obras (que por sua vez se inserem no contexto mais amplo do fenômeno dos breviários e epítomes da Antiguidade Tardia) permitiu que uma série de continuadores transformasse o *Chronicon* em uma maneira totalmente nova de escrever História. O próprio texto, do modo como se arranjava, estava aberto para que contribuições de naturezas diversas fossem feitas e propiciava grande liberdade aos escritores. Prova disso é a rica e diversificada contribuição de Idácio de Chaves, que acrescentou elementos inéditos à forma e à composição do *Chronicon*, tornando sua contribuição algo completamente característico. Isso, por sua vez, exigiu do bispo um prefácio igualmente rico e diversificado em termos de construção de autoridade literária.

Se por um lado é verdade que dizer-se continuador de um historiador célebre na antiguidade clássica era uma maneira de conferir autoridade a uma obra recente (Marincola, 1997, pp. 237-241), por outro isso jamais ocorreu de maneira a transformar o texto em um todo contínuo, como é o caso do *Chronicon*. Além dos já mencionados, alguns continuadores, como a *Chronica Gallica* de 511 e Mário de Avenches, simplesmente assumem que a autoridade do texto se estende até suas contribuições e continuam a obra. Victor de Tununa apenas copia a curta fórmula introdutória de Próspero²⁵. João de Bicláro, seu continuador, e Marcelino Comes, solitário continuador de Jerônimo no Oriente, se limitam a breves prefácios nos quais homenageiam seus predecessores. O primeiro se contenta em declarar que os eventos narrados foram testemunhados por seus próprios olhos

²⁵ Comparemos os trechos:

“*Hucusque Hieronimus presbyter ordinem praecedentium digessit annorum. Nos quae consecuta sint adicere curauimus* (Pósp. *Epit. Chron.* 1166)”.

“*Hucusque Prosper vir religiosus ordinem praecedentium digessit annorum: cui et nos subiecimus.* (Victor de Tununa, MGH:AA, 11, p. 184)”.

ou dados a conhecer pelo testemunho de pessoas íntegras, talvez um eco de Tucídides (I, 22); o segundo se dá por satisfeito ao recorrer à autoridade conferida por sua posição social de homem claríssimo (*vir clarissimus*) e conde (*comes*).

Em suma, buscamos argumentar neste artigo que a questão da autoridade nas crônicas cristãs da antiguidade tardia só pode ser compreendida ao deixarmos de lado nossas concepções “românticas” de autoria e vislumbrarmos o *Chronicon* como uma obra colaborativa, tal qual os modernos *wikis* e o projeto *Creative Commons*. A construção da autoridade literária dentro dessa tradição se coloca, portanto, também de forma colaborativa, de modo que cada continuador escolhe, por força das circunstâncias em que se encontra, adicionar ou não ao texto coletivo mais uma “camada de autoridade”, extraída (e por vezes modificada) do repertório estabelecido pelos historiadores antigos.

Artigo recebido em 26.02.2018, aprovado em 07.03.2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Neri de B. e Della Torre, Robson M. G. A Historia Eclesiástica de Eusébio de Cesareia frente à tradição historiográfica clássica. In: Salomão, Igor T. e Bassi, Rafael (Orgs.). *A escrita da história na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 9-35.
- Barthes, Roland. *Image, Music, Text*. Essays selected and translated by Stephen Heath. Londres: Fontana Press, 1997.
- Burgess, Richard W. *The Chronicle of Hydatius and the Consularia Constantinopolitana*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- _____. The dates and editions of Eusebius' *Chronici Canones* and *Historia Eclesiastica*. *The Journal of Theological Studies*, Oxford: University Press, vol. 48, no. 2, out. 1997, p. 471-504.
- _____. The Gallic Chronicle of 452: A New Critical Edition with a Brief Introduction. In: Mathisen, Ralph W. e Shanzer (Eds.). *Society and Culture in Late Antique Gaul. Revisiting the Sources*. Aldershot: Ashgate, 2001, p. 52-84.
- _____. Jerome Explained: An Introduction to his Chronicle and a Guide to its Use. *Ancient History Bulletin*. Northfield: St. Olaf College, vol. 16, 2002, p. 1-32.
- Burgess, Richard W. e Kulikowski, Michael. *Mosaics of Time, The Latin Chronicle Traditions from the First Century BC to the Sixth Century AD Volume I, A Historical Introduction to the Chronicle Genre from its Origins to the High Middle Ages*. Londres: Brepols, 2013.
- Fowler, Robert L. Mythos and logos. *The Journal Of Hellenic Studies*. Cambridge: University Press, v. 131, nov. 2011, p. 45-66.
- Gavallera, Ferdinand. *Saint Jérôme, sa vie et son œuvre*. Paris: Champion, 1922.
- Grafton, Anthony e Williams, Megan. *Christianity and the transformation of the book: Origen, Eusebius, and the library of Caesarea*. Londres: Harvard University Press, 2006.
- Hoffman, Raymond J. *Porphyry's "Against the Christians": The Literary Remains*. Oxford: University press, 1994.
- Kahlos, Maijastina. Seizing History: Christianising the Past in Late Antique Historiography. In: Isoaho, Mari (ed.). *Past and Present in Medieval Chronicles*. Helsinki: Helsinki Collegium For Advanced Studies, 2015. p. 11-33.
- Kraus, Manfred. Nothing to Do with Truth?: Εἰκός in Early Greek Rhetoric and Philosophy. In: Montefusco, Lucia Calboli (Org.). *Papers on rhetoric VII*. Roma: Herder, 2006, p. 129-150.
- Luce, Torry James. *The Greek Historians*. Londres: Routledge, 1997.
- Marincola, John. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Mosshammer, Alden A. *The Chronicle of Eusebius and Greek Chronographic Tradition*. Lewisburg: Bucknell University Press, 1979.
- Muhlberger, Steven. Prosper's *Epitoma chronicon*: Was There an Edition of 443? *Classical Philology*. Chicago, University Press, vol. 81, no. 3, Jul., 1986, p. 240-244.

Selle, Hendrik. Open Content? Ancient Thinking on Copyright. *Revue internationale des droits de l'antiquité*. Paris: Bocard, no. 55, 2008, p. 469-484.

Zerubavel, Eviatar. *Time Maps: Collective Memory and the Social Shape of the Past*. Chicago: University Press, 2003.